
DELINEANDO O PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DA FRUTICULTURA NO AGROPOLO BAIXO ACARAÚ-CE

Benedita Marta Gomes Costa
Profª de Administração Geral –UVA martagcosta@yahoo.com.br

Elzilene Gomes Costa
Bolsista da FUNCAP-UVA elzilenegc@hotmail.com

Fátima Lúcia Martins Dantas
Mestranda em Economia –UFC fatima_lucia_dantas@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo traçar o perfil sócio-econômico do Agropolo Baixo Acaraú-CE. A coleta de dados aconteceu no Distrito Irrigado Baixo Acaraú. Utilizou-se uma amostra de 80 produtores de frutas cadastrados no Projeto Baixo Acaraú. Foram aplicados questionários aos produtores (pequenos produtores, empresários e técnicos); e entrevistas com técnicos locais e agentes administrativos da sede do Perímetro. De forma geral, pode-se perceber que o Agropolo vem promovendo o desenvolvimento local; no entanto, faz-se necessário um processo de formação continuada para os produtores na área de gestão em que se busque a administração financeira e a prática de associação entre os produtores como elementos de discussão e reflexão.

Palavras-chave: Agropolo. Fruticultura. Desenvolvimento local. Produtores

Abstract

The present work has since objective draws the profile economical-partner of the Agropolo Baixo Acaraú-CE. The collection of data happened in the District Irrigated Low Acaraú. was used a sample of 80 producers of fruits set up in the Low Project Acaraú. Questionnaires were applied to the producers (small producers, businessmen and technicians); and you interview with local technicians and administrative agents of the thirst of the Perimeter. In the general form, it can be realized that the Agropolo is promoting the local development; however, there is made necessary a process of formation continued for the producers in the area of management in which there for is looked the financial administration and the practice of association between the producers like elements of discussion and reflection.

Key words: Agropolo. Horticulture. Producing. Local development

INTRODUÇÃO

No Brasil, dentre as diversas regiões produtoras de frutas, o Nordeste é responsável por 29% da produção nacional (PASSOS & SOUZA; apud PIMENTEL; 1998). Dentre os estados do Nordeste destaca-se o Ceará, que tem na fruticultura um importante segmento da sua economia.

O crescimento da fruticultura no Ceará se dá com a implementação, através da SEAGRI e de ações do governo estadual, de sete AGROPOLOS, que têm como objetivo promover o desenvolvimento econômico, social e ambiental sustentável das atividades envolvidas e dos municípios componentes. Neste sentido, o Projeto Agropolos busca colocar em prática ações inovadoras e efetivas que garantam a inserção e manutenção dos produtores rurais, com o conseqüente aumento da renda e garantia da sustentabilidade das atividades nas agronegócio.

O Instituto Agropolos do Ceará é uma instituição de caráter privado com uma moderna organização social que, por decreto governamental, está qualificada para prestação de serviços através de contrato de gestão. Os agropolos implantados foram: Baixo Acaraú, Baixo Jaguaribe, Cariri, Centro-Sul, Ibiapaba, Metropolitano e Sertão Central.

Vale ressaltar que a escolha das áreas decorre da sua alta potencialidade de desenvolvimento de irrigação e do complexo agroindustrial, em virtude dos recursos naturais existentes e vantagens comparativas fundamentais para o crescimento e dinamismo de todas as áreas sob sua influência (SOARES apud SILVA et al; 2004).

Destaca-se ainda que os Agropolos envolvem 80 municípios e mais de 2,9 milhões de pessoas, o equivalente a 39% da população do Estado, sendo da ordem de 29% a participação destas regiões na composição do PIB do Ceará, conforme dados divulgados pelo IBGE e Censo Demográfico 2000 – IPLANCE. Estão excluídos dos dados referidos, por razões estatísticas, a capital Fortaleza e o município de Maracanaú.

Através da instalação dos AGROPOLOS, o governo do Estado objetiva o incremento das potencializadas dos setores dinâmicos da microrregião em que se inserem, alavancando um processo de desenvolvimento da economia nordestina, especialmente da cadeia agroalimentar, com um foco na fruticultura irrigada. Neste contexto, foram criados o Agrópolo Baixo Acaraú, que engloba 14 municípios, com uma área de 9.000 km², tendo 40.000 ha de área irrigável e 4.983 de área já irrigada (SEAGRI, 2003).

Dentre os municípios que compõem o Agropolo do Baixo Acaraú vem destacando-se: Marco, Bela Cruz e Acaraú com a produção do melão espanhol.

Localizado nos municípios de Acaraú, Bela Cruz e Marco, o Projeto Baixo Acaraú representa uma das mais importantes ações para o desenvolvimento agrícola do Ceará. A iniciativa possibilitou, através de um eficaz programa de irrigação, a produção de frutas, hortaliças e flores de excelente qualidade e alta produtividade em qualquer época do ano. Os 7.776 hectares do projeto foram divididos em lotes entre assentados, pequenos e grandes produtores. O Projeto Baixo Acaraú é uma parceria do Governo do Estado com o Governo Federal, por meio do Ministério da Integração Nacional e do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca).

A região onde está inserido o Projeto se caracteriza pelo plantio de sequeiro do caju, mandioca, milho e feijão. Antes do melão, a única cultura irrigada era a de coco. Atualmente, conta com a cultura do abacaxi (grupo pérola) e banana (grupo banana anã e maçã). Em 2004 esses municípios destacaram-se na imprensa local envolvendo a produção de melão espanhol para exportação.

Apesar de se considerar a relevância dos agropolos produtivos como estratégia de desenvolvimento local, em especial do núcleo produtivo estudado, até o momento não há estudos que caracterizem os aspectos técnicos e econômicos voltados para a fruticultura.

Dessa forma, o presente artigo visa delinear o perfil técnico-econômico da fruticultura no Agropolo Baixo Acaraú, haja vista que este vem se destacando na imprensa local com a produção de frutas voltada para exportação. Especificamente, pretende-se:

- Traçar o perfil dos produtores e das propriedades existentes no Agropolo Baixo Acaraú;
- Descrever a organização dos produtores agrícolas;
- Identificar a amplitude regional do núcleo produtivo de fruticultura irrigada;
- Caracterizar a produção e a distribuição das principais frutas produzidas no Agropolo.

METODOLOGIA

Diante da pouca incidência de pesquisas nesta área o presente trabalho se constitui numa pesquisa exploratória. Segundo Gil (1994; pp. 44-45) este tipo de pesquisa é desenvolvida

com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

A coleta de dados aconteceu no Distrito Irrigado Baixo Acaraú. Utilizou-se uma amostra de 80 produtores de frutas cadastrados no Projeto Baixo Acaraú. Foram aplicados questionários aos produtores (pequenos produtores, empresários e técnicos); e entrevistas com técnicos locais e agentes administrativos da sede do Perímetro.

O questionário abordava o perfil do produtor (idade, renda, família), produção e comercialização do produto (principais frutas) e o destino espacial da produção. Além de buscar uma avaliação do produto sobre a implantação e o desenvolvimento das atividades no Agropolo em estudo.

As entrevistas foram realizadas no sentido de captar os elementos necessários para contextualizar o desenvolvimento do projeto, bem como, verificar a visão dos técnicos e administradores sobre o trabalho desenvolvido junto aos produtores pesquisados.

AGROPOLO BAIXO ACARAÚ

Localiza-se na região Norte do Estado do Ceará, no trecho final da bacia do rio Acaraú, abrangendo os municípios de Marco, Bela Cruz e Acaraú. O acesso é feito por rodovias pavimentadas BR-222/BR-402 e CE-179, situa-se acerca de 217 km de Fortaleza.

A área do Perímetro é de 12.335 hectares (ha) irrigáveis, com 8.335 ha de área já concluída (irrigada). Toda a área é dividida em lotes que se distribuem da seguinte forma: Pequenos produtores – 8 ha; técnicos – 16 há; empresários – 40 a 60 ha.

No total, foram criados 478 lotes para pequenos produtores, dos quais atualmente 124 estão ocupados. Para as empresas, foram destinados 35 lotes; no momento existem somente três empresas no perímetro. E para os técnicos, foram destinados 52 lotes, somente 15 destes estão ocupados.

A fonte hídrica do projeto é o rio Acaraú, perenizado pelas águas dos açudes Paulo Sarasate, Edson Queiroz e Ayres Souza, com capacidade de armazenamento de 1,0 bilhão, 250,5 milhões e 104,4 milhões de m³; respectivamente, totalizando 1,4 bilhões de m³.

Os estudos pedológicos identificaram os seguintes solos na área do Projeto: podzólicos, latossolos e areias quartzosas. Em geral, os solos são profundos, bem drenados, de textura média/leve e muito permeáveis.

O referido projeto conta com: barragem de derivação Santa Rosa sobre o rio Acaraú; estação de bombeamento principal - EBP; adutoras principais (1640m); cerca de 40km de canais; 126 tomadas situadas ao longo dos canais; cerca de 110km de tubulações da rede de distribuição com diâmetros nominais variando de 50 a 900mm; cinco estações de bombeamento secundárias; sete reservatórios (dois principais e cinco secundários); subestação de alimentação da EBP; rede viária e rede de drenagem.

CARACTERIZAÇÃO DOS PRODUTORES E DAS PROPRIEDADES

QUADRO 1 - Perfil dos produtores entrevistados no Agropolo Baixo Acaraú-CE. 02/2006.

Situação fundiária	%	Idade (anos)		Escolaridade	%
Proprietário	73,75	Média	43	Assina o nome	7,59
Arrendatário	3,75	Maior valor	65	1º grau incompleto	13,59
Outros	22,5	Menor valor	21	1º grau completo	22,78
		Mediana	42	2º grau incompleto	-
		Desvio padrão	10,39	2º grau completo	39,24
				3º grau incompleto	2,53
				3º grau completo	13,92

Área do lote (Ha)	Pessoas da família que vivem da renda do lote	Nº de pessoas	Pessoas da família que trabalham no lote	Nº de pessoas	
Média	8,10	Média	4,0	Média	2,0
Maior valor	16	Maior valor	11	Maior valor	8,0
Menor valor	8,0	Menor valor	0	Menor valor	0,0
Mediana	8,0	Mediana	4,0	Mediana	1,0
Desvio padrão	0,90	Desvio padrão	2,81	Desvio padrão	2,0
Número de empregados	Nº de pessoas	Possui outra renda além do lote	%	Expectativas em relação ao lote	%
Média	3,0	Sim	50,0	Produzir outras culturas	85,90
Maior valor	15,0	Não	50,0	Aumentar o lote	5,13
Menor valor	0,0			Passar o lote para o filho	2,56
Mediana	2,0			Crédito	6,41
Desvio padrão	3,0				

FONTE: dados da pesquisa

Ao se analisar o quadro acima pode-se concluir que à condição fundiária do público consultado, caracterizam-se por serem proprietários (73,75%), com idade média de 43 anos e dispõem de 2º ou 3º graus (incompleto ou completo).

A área da propriedade (lote) dispõe em média de 8 (ha), tendo pouca variação entre os entrevistados. O número médio de pessoas da família que vivem da renda do lote é de quatro pessoas, havendo grande variação entre as propriedades, sendo que destas apenas duas trabalham no lote.

A diferença entre o número de pessoas que dependem da renda e as que trabalham pode estar relacionada ao fato de, na maioria dos lotes consultados, existirem crianças (média de dois anos de idade): os filhos dos entrevistados.

Em relação ao trabalho dos familiares no lote, Pimentel e Souza Neto (2003) advoga que:

a mão-de-obra familiar tem custo de oportunidade, nulo, sua remuneração somente será considerada por ocasião da venda dos produtos, ou seja, sua utilização não é contabilizada como custo, uma vez que o salário é definido pela família e não pelo mercado. Assim procedendo, o desemprego é evitado e, conseqüentemente, o êxodo rural.

Por ocasião da pesquisa observou-se que são poucos os proprietários que permanecem de forma efetiva na propriedade, deixando a cargo de outros, geralmente empregados, a gestão do lote, o que pode ser prejudicial para o desenvolvimento da agricultura, pois, quando a gestão da propriedade encontra-se com o dono, existe maior probabilidade de desenvolvimento.

Ressalva-se que para 50% dos produtores a renda do lote não se constitui na principal, haja visto estes desenvolverem atividades paralelas dispondo de uma renda fixa. A estes agricultores Souza Filho (2001; p. 607) denominou de imigrantes urbanos (*back-to-the-lander*):

Esses imigrantes urbanos, geralmente pessoas aposentadas, trabalhadores temporários, ou profissionais de tempo integral, praticam agricultura intensiva e de semi-subsistência em pequenas propriedades (...). O desejo de aumentar a renda agrícola não é o fator mais importante, pois a maioria dos *back-to-the-lander* obtém renda de atividades fora da propriedade.

Verificou-se uma média de três empregados por lote, dispondo de grande variação, desse número, entre as propriedades. Relacionando-se o número médio de lotes ocupados e de empregados contratados, tomando-se como base o salário vigente de R\$ 300,00, as despesas mensais dos irrigantes com mão-de-obra assalariada importam em R\$ 127.800,00, que são injetados no comércio local no momento do plantio e da safra.

PARCERIAS E FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PRODUTORES

Segundo Nantes e Scarpelli (2001; pp. 572-3), o sistema de parceria é uma solução adequada para enfrentar os novos desafios da inserção e permanência nas cadeias de suprimentos, pois é realizada por meio da racionalização do trabalho e dos custos. Dentro dessa visão, o governo do estado do Ceará e o agente financiador, no caso o Banco do Nordeste do Brasil – BNB, incentivou nos

Agropolos a criação de associação de produtores com o objetivo de maximizar os lucros dos associados, promover a assistência técnica, a aquisição e a distribuição de insumos e comercialização.

Ressalta-se que, dentre os consultados, apenas 41,77% participam de uma Associação e que no momento da pesquisa existiam nove Associações cadastradas, dados que nos fazem concordar com Pimentel e Souza Neto (2003), quando conclui que essa divisão pode levar ao enfraquecimento dos pequenos produtores retirando-os do processo produtivo, dados que podem ser observados através do processo de comercialização e da formação educacional dos agricultores entrevistados.

Por ocasião da pesquisa, observou-se que a maior dificuldade dos produtores encontra-se no momento da comercialização, que geralmente é feita por atravessadores, tendo o preço do produto influenciado pelo poder de barganha do intermediário, que no momento da compra utiliza o discurso de que o proprietário do lote vizinho vendeu a produção por preço inferior. Como o pequeno produtor não tem informação da veracidade da informação e diante da dificuldade financeira na qual se encontra, termina por negociar a produção, em alguns momentos, por um valor abaixo do estipulado pelo mercado, no caso, o BPA - Boletim de Preços no Atacado da SEAGRI – CE. Ressalta-se que apenas 24,05% dos produtores têm conhecimento desse boletim, o que agrava a situação dos produtores no momento da comercialização, haja visto que estes não têm um parâmetro para comercializar os produtos.

Outro fato a se destacar está relacionado à questão do planejamento financeiro dos produtores, pois o ato de anotar as despesas e receitas de algumas culturas não é uma prática comum, sendo que 55,68% dos entrevistados não souberam informar o custo de produção. Ressalta-se que 50% dos produtores solicitaram empréstimo junto ao agente financiador (BNB) e, destes, 77,50% encontram-se inadimplentes.

Dessa forma, foi possível observar, através das falas dos produtores, que o papel da Associação no agropolo em estudo está direcionado apenas à obtenção de crédito junto ao órgão financiador. Quando os produtores não têm garantias para solicitar o financiamento é sugerido que se associem a fim de obter o crédito.

Quanto à questão dos treinamentos (formação dos produtores) observou-se, através das conversas com os técnicos locais, que estes se dão de forma planejada. São oferecidos cursos nas áreas de: Associativismo/Cooperativismo e Treinamento Gerencial Básico. No entanto, a participação dos agricultores é problemática. Embora seja encaminhado o calendário, a todas as propriedades, informando as atividades a serem realizadas durante o mês, poucos atendem aos chamados para participar dos cursos.

Esse dado nos chama atenção quando analisamos a escolaridade dos produtores, pois segundo Silva, Silva e Khan (2004), "o grau de instrução do produtor é considerado importante elemento na administração, gerenciamento da propriedade e na adoção de tecnologia", no entanto, embora o público pesquisado tenha 2º grau ou nível superior incompleto ou completo observou-se que estes não sentem necessidade de formação na área de gerenciamento, haja visto não participarem dos cursos promovidos pelos técnicos do agropolo.

O que pode estar relacionado à visão tradicional de que para trabalhar na agricultura não se faz necessário a visão de ferramentas de gestão, dado que pode estar acarretando na má administração dos lotes na área financeira e no processo de engajamento dos produtores (Associação). Dentro dessa análise chamamos as reflexões de Nantis e Scarpelli (2001; pp 570-571)

A propriedade rural deve ser encarada como verdadeira empresa, buscando obter conhecimentos acerca dos mercados em que opera e aumentando o relacionamento com o segmento industrial e canais de distribuição.

... É imperativo que os produtores adotem o processo de aprendizagem de todo um conjunto de atividades pouco usuais nos modos tradicionais de produção. Além da utilização de tecnologia e novas formas de organização coletiva, também é imprescindível trabalhar com a gestão do empreendimento.

Sobre a assistência técnica, verificou-se que 86,25% dos produtores informaram que esta se dá por meio de empresas de projetos e de técnicos autônomos, o que deixa transparecer que estes não têm acesso a assistência técnica pública e que as atividades propostas pela Administração do Agropolo podem não estar atendendo às necessidades dos produtores.

Essa conclusão se observa em virtude do percentual de produtores (79,75%), que desejam participar de grupos de discussão que envolva a cultura da banana, melancia, goiaba e maracujá. Os técnicos do agropolo já ofereceram cursos envolvendo a temática do mamão e da melancia. No entanto, a participação dos produtores não se deu de forma efetiva, dado que deixa transparecer que os produtores podem não ter os técnicos locais (do agropolo) como parceiros.

CARACTERIZAÇÃO DA CULTURA, MÉTODOS DE IRRIGAÇÃO E AMPLITUDE REGIONAL

Dentre as culturas permanentes desenvolvidas no Projeto Baixo Acaraú, destaca-se a banana, a melancia, o mamão, o maracujá e o abacaxi. O método de irrigação utilizado pelos produtores são microaspersão ou o gotejamento – em alguns casos, utilizam-se os dois métodos para atender culturas diferentes. Segundo Silva, Silva e Khan (2004), "essa prática confirma que os produtores procuram se adaptar ao comércio internacional, pois o uso desses métodos, procura diminuir os custos, como o da energia, e racionalizar a água".

Tendo em vista as culturas trabalhadas, os produtores têm como principais insumos o adubo químico e o orgânico, inseticidas, mudas, sementes, equipamentos de irrigação, máquinas agrícolas e embalagens que são adquiridos, na maior parte, no Município de Acaraú. De acordo com a administração local, depois da implantação do Baixo Acaraú empresas de vendas de insumos instalaram-se nas proximidades do perímetro. As máquinas, entretanto, são adquiridas na capital do Estado.

Quanto ao destino da produção, observou-se que estes atendem a diferentes mercados: Fortaleza, Marco, Itarema, Belém (PA), Teresina (PI) e São Luiz (MA). Além de atender ao mercado exportador (Europa e EUA). Dessa forma, conclui-se que a comercialização das frutas produzidas no Baixo Acaraú apresenta uma dinâmica comercial que atende a mercados variados.

AVALIAÇÃO DOS PRODUTORES

Ao serem questionados sobre os benefícios que ocorreram com a implantação do Agropolo, foi comum os produtores mencionarem o aumento da renda, não terem perdas de produção, disporem infra-estrutura moderna, disponibilidade de água e as condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento da fruticultura.

Quanto às desvantagens, foram citados: alto custo da energia elétrica e água. Vale ressaltar que cada lote dispõe de medidor e hidrômetro. Sendo citado também a falta de central de comercialização e a falta de organização de produtores, dados que podem estar relacionados ao número de associações existentes, conforme comentado anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

Diante dos dados analisados, podemos observar que o nível educacional dos pesquisados se diferencia dos demais produtores do Nordeste que geralmente é de baixa escolaridade. A renda do lote não se constitui na principal renda para 50% dos entrevistados, o que tende a diminuir a dedicação desses proprietários às atividades agropecuárias e à participação nos grupos de estudos (cursos e dia de campo) ofertados pela gerência do Projeto Baixo Acaraú.

O número de pessoas envolvidas no lote (familiares e empregados) tende a favorecer a economia local e a diminuir o êxodo rural. A falta de cooperação entre os produtores pode estar acarretando em perdas no processo de formação (busca de conhecimento e tecnologia) e na comercialização dos produtos, pois a maioria dos entrevistados demonstrou a visão de que a Associação dos Produtores está voltada apenas para obtenção de recursos dos agentes financeiros.

Pode-se observar, através da aquisição do insumo, e do destino da produção, que a amplitude do Agropolo Baixo Acaraú dispõe de alto grau de (des)regionalização, apresentando uma dinâmica comercial que atinge diferentes mercados.

Observou-se falta de visão empresarial por parte dos produtores, o que ocasiona a má administração das propriedades, sem planejamento a curto e longo prazo.

De forma geral, percebemos que o Agropolo Baixo Acaraú apresenta alguns problemas e desafios. Entre os problemas quais destacamos: falta de comunicação entre os Associados; e visão distorcida sobre os objetivos da Associação de Produtores e como desafios ressaltamos a necessidade de sensibilizar os produtores para se capacitarem na área empresarial, especificamente em finanças.

Para minimizar esses problemas, sugerimos que haja uma mobilização por parte de todos os produtores, técnicos e gerentes das associações no sentido de que as medidas tomadas sejam unificadas e realizadas, pois foi comum os produtores informarem, durante a realização da pesquisa, que nas reuniões até se fala dos problemas e são tomadas algumas decisões, no entanto, essas não se realizam.

Outro ponto que gostaríamos de propor insiste na formação continuada destes produtores. É interessante que não só os produtores participem dos cursos, mas a mão-de-obra também esteja envolvida, a fim de que as novas técnicas e tecnologias sejam entendidas na sua totalidade e por todos.

AGRADECIMENTOS:

As autoras agradecem a Fundação de Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico –FUNCAP a concessão da bolsa de Iniciação Científica que tornou possível a realização da pesquisa.

REFERENCIAL BIBLIOGRAFICA

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 4. Ed. São Paulo : Atlas, 1994

NANTES, J. F. D., SCARPELLI, M. Gestão da produção rural no agronegócio. In: BATALHA, M. O **Gestão Agroindustrial**. Volume I. São Paulo : Atlas, 2001

PIMENTEL, C. R. M., SOUZA NETO, J. de. **Perfil Técnico-Econômico dos Perímetros Irrigados das Bacias do Curu e Baixo Acaraú**. Documento 80. EMBRAPA : CNPAT, 2003.

PIMENTEL, C. R. Fruticultura: evolução recente e tendências da fruticultura nordestina. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, V.29, n 1, jan/mar, 1998.

SEAGRI - Secretaria da Agricultura e Pecuária. **O agronegócio da agricultura irrigada no Ceará (1999 a 2003)**. 2003. Disponível no site:

http://www.seagri.ce.gov.br/siga/Informacoes_gerais_agriclrigada_1999_2003_frutal.pdf

Acesso em 02 jul. de 2005

SILVA, S. R., SILVA, L. M. R., KHAN, A. S. A Fruticultura e o desenvolvimento local: o caso do núcleo produtivo de fruticultura irrigada de Limoeiro do Norte – Ceará. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, V.35, n 1, jan/mar, 2004.

SOUZA FILHO, H. M. Desenvolvimento agrícola sustentável. In: BATALHA, M. O **Gestão Agroindustrial**. Volume I. São Paulo : Atlas, 2001